

EDIÇÃO N. 9 DA PRÁXIS E HEGEMONIA POPULAR

APRESENTAÇÃO

É com muita honra e satisfação que apresentamos a edição 9 da *Práxis e Hegemonia Popular* com amplo escopo dentro das análises sobre Gramsci e nele inspiradas, além de importantes contribuições no âmbito do campo crítico e do marxismo.

O número é aberto com importante contribuição de Sandra Dugo. Sua reflexão propõe uma releitura de Edward Said, importante crítico literário e referência para os estudos pós-coloniais. Em tal releitura, o horizonte da reflexão em tela busca demonstrar que a convivência pacífica entre diferentes identidades é possível através da descentralização do saber porque a sabedoria não é um monopólio exclusivo da minoria mais culta e mais forte, mas deve ser acessível a todos.

O segundo texto artigo analisa a relação entre as frações burguesas e o governo Bolsonaro durante a pandemia da Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, tendo sido escrito por André Flores Penha Valle e Octávio Fonseca Del Passo. Com a análise de documentos das associações empresariais e declarações dos agentes econômicos na imprensa, sua instigante análise verifica que a burguesia esteve unida em torno das reformas neoliberais, mas dividida em relação ao negacionismo e ao movimento golpista.

Outra instigante análise nos é fornecida pelo texto do Professor Federico Losurdo. Ao analisar a crise orgânica na Europa e no Brasil, a reflexão se vale da lição metodológica de Gramsci e de Togliatti com o intuito de separar a dimensão “positiva” do populismo, o fato de representar uma reação à “crise orgânica” do atual modelo de produção neoliberal, da sua dimensão fortemente “negativa”, potencialmente de natureza autoritária e, em prospectiva, fascista.

Em conjuntura histórica em que as questões religiosas assumem enorme relevo em várias análises da política contemporânea, uma importantíssima reflexão nos é

proporcionada pelo Professor Massimo Sciaretta. Ela parte da seguinte pergunta: que tipo de religião encontramos na análise política de Gramsci e quanto do pensamento de Gramsci existe e existiu em certas maneiras de viver a religião que ocorreram nas periferias do mundo na época contemporânea?

Dentro da conjuntura histórica referida, outra temática recorrente é o neoliberalismo e seu senso comum, tema que dá ensejo à pertinente análise de Caio Gontijo no tocante à discussão de sua conformação histórica e especificidades do passado ao presente. Neste esteio, sua reflexão propõe um importante diálogo entre Gramsci e Vieira Pinto.

Na análise de relevantes questões contemporâneas, não poderia faltar uma análise na temática da educação, contemplada pela instigante análise de Deise Rosalio. Seu texto versa sobre a perspectiva e atuação pedagógica de Antonio Gramsci, destacando algumas marcas educativas de sua trajetória, desde a sua militância juvenil até sua produção feita no cárcere.

Outra significativa contribuição na temática educacional é a análise de Fernanda Franz Willers. Sua instigante análise crítica incide sobre a agenda educacional da Confederação Nacional da Indústria. Neste sentido, o texto se debruça sobre a forma como a agenda da competitividade é vista como o projeto de país elaborado e apresentado pelos industriais. Esse artigo tem como objetivo geral o estudo da agenda da competitividade produzida e apresentada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) aos presidenciais nos processos eleitorais que ocorreram entre 1998 e 2018.

Uma outra importante elaboração com a qual somos brindados neste número é análise de Leandro Galastri. Seu texto apresenta as noções de contraponto, com base nas reflexões do crítico literário palestino Edward Saïd e do filósofo italiano Giorgio Baratta, e contratempo, tal como desenvolvida pelo filósofo francês Daniel Bensaïd, propondo a articulação dessas noções metodológicas no trabalho de elaboração de uma historiografia dos subalternos, baseada nos critérios metodológicos de Gramsci para tal.

Noutro importante artigo, é investigado o jornal *Patria*, instalado na cidade de Nova Iorque, que teve sua primeira publicação no ano de 1892 e com indícios de que foi editado até 1894. Esse importante periódico nova-iorquino tinha como eixo temático os

impasses relacionados à luta pela independência em Cuba na última década do século XIX. Esteve à frente desde órgão o intelectual cubano, José Martí (1853-1895), como seu editor e redator. Iago Brasileiro da Silva Rocha, em tal contexto, efetua instigante análise a partir das categorias gramscianas de “jornalismo” e “aparelho de contra-hegemonia” sobre os textos publicados no *Patria*.

Inaugurando uma sequência de artigos voltados para a Geopolítica e para as Relações Internacionais, o artigo de Marcos Aurélio da Silva discute as diferenças sociogeográficas verificadas no processo de transição ao capitalismo, problematizando, a partir de uma perspectiva gramsciana, suas relações com a temática das vias de desenvolvimento presentes no interior do pensamento marxista, bem como com as formulações de Lukács acerca da decadência ideológica do modo burguês de produção e seu expansionismo geopolítico.

O artigo de Érika Laurinda Amusquivar busca refutar a afirmação de Robert Cox, importante intérprete internacionalista de Gramsci, de que o prisioneiro sardo não tem muito a dizer sobre as Relações Internacionais. O texto busca recolocar o internacional no pensamento de Gramsci por meio do nexo nacional – internacional. Parte-se da afirmativa de que Cox desconsidera diversos elementos presentes no pensamento gramsciano, sobretudo a organicidade de seus pares conceituais. Em seguida, o artigo aponta lacunas na busca de Cox em adaptar os conceitos estudados pelo prisioneiro sardo – em especial o conceito de hegemonia – como sua maior aposta na tradução para o campo de estudos das relações internacionais e é a partir dessa tradutibilidade que Cox passa a colecionar diversas críticas.

O artigo de Rafael Alves e Rodrigo Passos procura identificar uma incipiente contra-hegemonia chinesa a partir da história do governo de Xi Jinping (2013-). A categoria de contra-hegemonia desenvolvida por Robert Cox serve como referencial teórico e metodológico para que seja realizada uma interpretação da trajetória da estrutura histórica chinesa.

Na seção de traduções, há duas relevantes contribuições.

A primeira, de Jorge Sgrazutti, traz inestimável versão de texto de Angelo D’Orsi que versa sobre os vários ciclos de “desobrimento” de Gramsci em ciclos da cultura

italiana.

A segunda, de Danilo Enrico Martuscelli, traz um importante debate envolvendo Charles Bettelheim e Robert Linhart envolvendo vários aspectos da transição socialista e do debate e do desenvolvimento do marxismo.

Por fim, a resenha de Paula Fernanda Silva Malerba e Rodrigo Duarte Fernandes dos Passos apresenta uma resenha sobre importante obra coletiva que possui à frente Luiz Werneck Vianna, importante estudioso brasileiro da obra de Gramsci. Num diálogo com a perspectiva derivada de Gramsci contemplada na publicação em pauta, a resenha descreve o conteúdo do livro *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil*.

Boa leitura!

Leandro Galastri

Rodrigo Passos

Cezar De Mari

Caio Gontijo

Friedrich Maier

Gabriel Sandino de Castro

Marília-SP, dezembro de 2021